

ORGANIZAÇÃO

ANA BEATRIZ ALCÂNTARA MATEUS
ALANA MARIA LOBO DE QUEIROZ
PINHEIRO
ANA RAQUEL SILVA PATRÍCIO
LAÍS QUEIROZ SANTANA
LÍVIA MARIA DE SOUSA ARAÚJO
MÁRIA MARIANA DE ANDRADE SILVA
VÍCTOR FELIX GOMES DE OLIVEIRA



UNIVERSIDADE
FEDERAL DO CEARÁ

VARAN- DÃO DECOLONIAL



VARANDÃO DECOLONIAL



ANA BEATRIZ ALCÂNTARA MATEUS
ALANA MARIA LOBO DE QUEIROZ PINHEIRO
ANA RAQUEL SILVA PATRÍCIO
LAÍS QUEIROZ SANTANA
LÍVIA MARIA DE SOUSA ARAÚJO
MARIA MARIANA DE ANDRADE SILVA
VICTOR FÉLIX GOMES DE OLIVEIRA

VARANDÃO DECOLONIAL

1^a Edição

Quipá Editora
2025

Copyright © dos autores e autoras. Todos os direitos reservados.

Esta obra é publicada em acesso aberto. O conteúdo dos capítulos, os dados apresentados, bem como a revisão ortográfica e gramatical são de responsabilidade de seus autores, detentores de todos os Direitos Autorais, que permitem o download e o compartilhamento, com a devida atribuição de crédito, mas sem que seja possível alterar a obra, de nenhuma forma, ou utilizá-la para fins comerciais.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

A532v Mateus, Ana Beatriz Alcântara.
Varandão Decolonial. / Ana Beatriz Alcântara
Mateus, Alana Maria Lobo de Queiroz Pinheiro, Ana Raquel
Silva Patrício, Laís Queiroz Santana, Lívia Maria de Sousa
Araújo, Maria Mariana de Andrade Silva, Victor Félix Gomes
de Oliveira. — Iguatu, CE : Quipá Editora, 2025.

79 p. : il.

ISBN 978-65-5376-504-7

1. Psicologia. 2. Educação. I. Mateus, Ana Beatriz
Alcântara. II. Título.

CDD 370

Obra publicada pela Quipá Editora em novembro de 2025.

Quipá Editora
www.quipaeditora.com.br
@quipaeditora

DEDICATÓRIA

A todos os corpos que encarnam nossas histórias de luta, costurando movimentos ancestrais no encontro entre arte e memória, semeando mundos que anunciam futuros possíveis.

A Nêgo Bispo, inspiração de saberes circulares, sonhos coletivos e caminhos contracoloniais que nos lembram que a vida pulsa em movimento, canto e palavra.

Ao Bar Varandão, território vivo que carrega afetos, abraça lembranças e nomeia a invenção insurgente deste projeto.

AGRADECIMENTO

Nossos agradecimentos são destinados ao Ministério da Educação (MEC), que, com a Secretaria de Ensino Superior (Sesu), subsidia a existência dos múltiplos Programas de Educação Tutorial (PET) do país e de suas potencialidades em ensino, pesquisa e extensão; à Universidade Federal do Ceará (UFC), que, com a Coordenação de Acompanhamento Discente (CAD) da Pró-Reitoria de Graduação (PROGRAD), garante as articulações necessárias para um envolvimento efetivo entre o programa e os seus bolsistas; ao corpo docente, discente, administrativo e terceirizado do Departamento de Psicologia da UFC, os quais não apenas confiam no nosso trabalho, mas também compõem e fomentam nossas atividades; aos antigos petianos e tutores, os quais abriram caminhos (im)possíveis de construção de saberes e práticas que coexistem na ancestralidade e na criação plural de vida, permitindo que, hoje, estejamos aqui; aos convidados do Varandão Decolonial Camilo Augusto, Mirela Studart e Levi de Freitas, que compartilharam e entrelaçaram suas vivências com nossos encontros; aos petianos Alana Lobo, Caio Renan e Lorena Vasconcelos, que encerraram seus ciclos no PET antes da finalização deste livro, mas que nos atravessaram com suas trajetórias ímpares; e aos atuais integrantes do PET Bia, Victor, Mirela, Raquel, Mandrade,

Thayane, Júlia, Vanessa, Cecília, Raquel, Lívia, Laís e Érica, os quais tecem, costuram, retalham e tricotam um cotidiano de reuniões, celebrações, risadas, escritas e maquinações com linhas de afeto que nos energizam, dando sentidos para os nossos nós e, enfim, para nós.

*Com afeto,
Eixo de Estudos Decoloniais.*

*“Nós somos o começo, o meio e o começo.
Existiremos sempre, sorrindo nas tristezas
para festejar a vinda das alegrias. Nossas
trajetórias nos movem, nossa
ancestralidade nos guia”*

Mestre Antônio Bispo dos Santos

PREFÁCIO

Pertencimento é difícil. Muitas vezes, olhamos para um espaço e nos perguntamos se nosso lugar realmente é aqui. O mundo universitário e acadêmico nos trás um pouco desse incômodo, uma vez que se assemelha a uma grande cidade, com prédios, ruas, avenidas, carros e gente correndo pra lá e pra cá. Isso nos immobiliza, dá medo de se perder e pensamos que a única alternativa é correr junto à multidão, trabalhar em prazos minúsculos e em coisas que você talvez nem goste. Porém, nessa mesma cidade, existem locais de encontro, como um teatro, um museu, uma praça e um bar, locais esses que estão em disputa de ocupação e, por isso, devem ser reivindicados, podendo ser tua morada, ter neles algo que te pertence e que encontre um abraço coletivo de cuidado.

No momento do immobilismo, do medo e da solidão universitária, surge a necessidade de entendermos quem somos, voltarmos atrás e buscarmos o que foi perdido, (re)tomando posse daquilo que foi importante na nossa trajetória e que nos constituiu. Ao retornar ao passado, podemos olhar para o futuro e reconstruir um novo caminho. Esse deslocamento é chamado de Sankofa pelo povo Akan de África, que encoraja o movimento de olhar para tua trajetória, simbolizado por um pássaro com a cabeça direcionada para trás. Ao sabermos quem somos e

podendo ver o que queremos, conseguimos reivindicar esta cidade universitária, fazer dela algo nosso, que tenha nossa cara e que represente a vivência daquele que está à margem da sociedade, tornando a faculdade em uma casa coletiva e politizando as formas de transmitir afeto.

Este fragmento mais poético demonstra nosso sentimento ao ler os textos presentes na obra aqui apresentada. Os autores fizeram o movimento de sankofa de procurar na sua vida aqueles elementos que formam suas subjetividades e tensionam, também, a própria psicologia, ao trazer temas que vistos como não científicos, não importantes e secundários à formação acadêmica. Daí surge uma pergunta ou melhor algumas perguntas: O que é, então, fazer psicologia? Quem pode medir ou fiscalizar este fazer? Esta obra não tem o objetivo de respondê-las, mas sim de jogar elementos que servem para imaginar um possível direcionamento.

O fazer psicologia que acreditamos deve estar vinculado à nossa história, ao movimento da vida e ao cuidado, sendo na coletivização destes e na busca por moradia no outro que achamos elementos que nós diz respeito a uma práxis, a uma busca direcionada ético-politicamente em um outro fazer ciência e fazer profissão.

No respiro do cotidiano, o cuidado costumava ser tecido assim: com memória, pertencimento e maleabilidade de um

tempo que desconhecia a pressa. Mesmo quando a Psicologia nos era turva, incompreensível e inacessível, os sentidos do cuidar já nos atravessavam pela via ancestral e inventiva. Até que um dia, crescemos, somos distanciados dessa pertença e deparamo-nos com uma Psicologia enlaçada no conhecimento científico e na universidade que não apenas se mostram o contrário das nossas vivências, mas também se constituem por um lema de Ordem e Progresso o qual, na realidade, revela desordem e retrocesso em suas práticas. Nesse sentido, atentar-se a tal armadilha implica em reencontrar aquela ancestralidade e inventividade outrora tão nossas e, assim, refundar saberes historicamente apagados.

Esse apagamento também borrou diversas narrativas e existências que ocupam uma posição de afronta aos modos hegemônicos de ser, saber, poder e sentir impostos ao Sul Global. Temos memórias e sonhos deslegitimados e empurrados à margem do não-ser, como quem paga a penitência do ódio naturalizado pelos outros. Aqui, a máxima de Ordem e Progresso é, também, maquinada pela colonialidade, herança, em constante atualização, das violências coloniais. Estas, juntas, forjam o conhecimento científico, a universidade e, inclusive, a Psicologia, a qual nasce de e reproduz tais raízes. Portanto, se esta proposta de cuidado não nos insere, anunciamos, em coro, que ela não nos interessa.

Nós, os mesmos estranhos e puníveis por essa estrutura, somos os que, artesanalmente, confabulam e tecem um cuidado formal ético, político, afetivo e contracolonial. É aí que nosso desejo escorre, e é isto que os autores desta obra fazem ao compartilharem suas andanças enquanto integrantes do Programa de Educação Tutorial (PET) do curso de Psicologia da Universidade Federal do Ceará (UFC) e proponentes do Varandão Decolonial.

A gente cresce sem saber o que é Psicologia e, até hoje, ela ainda nos chega com resquícios daquela turbidez. Os estudos contracoloniais, entretanto, contagiam-nos de envolvimento com outros tempos, espaços, corpos e encontros, anunciando suas codependências e circularidades de modo a reverbera-las em ontologias, epistemologias e políticas (des)norteadas. Com este livro, aprendemos que a gente cresce e, justamente por isso, também podemos transfigurar o cuidado, inspirando-nos no dizer iorubá, como quem mata um pássaro hoje com uma pedra arremessada ontem.

APRESENTAÇÃO

O Programa de Educação Tutorial (PET), programa universitário brasileiro, vinculado ao Ministério da Educação, especificamente à Secretaria de Ensino Superior (SESu), se efetiva por meio do trabalho sistemático entre estudantes-bolsistas e docente tutor/a, a partir de trocas e elaboração de atividades que visem o fortalecimento da graduação, contemplando ensino, pesquisa e extensão. Esta caracterização estabelece um plano comum entre os diversos grupos PETs de universidades brasileiras, ao mesmo tempo que permite condições para criação e experimentação que, em última instância, singularizam as trajetórias discentes e docentes marcadas pela experiência de integrar o programa.

A composição deste e-book lembra-nos a potência deste arranjo pedagógico e político quanto à produção de diferença no âmbito curricular. É fruto de ousadias epistêmicas quanto ao ato de narrar-fazer aprendizagens em uma graduação de psicologia. O PET-Psicologia ao se inserir como dispositivo formativo nesse campo disciplinar diverso contribui no presente com a produção de vida e processos de subjetivação que coexistam com sociedades abertas à alteridade. Entendemos que este enlace entre existências, ética e conhecimento transversaliza as

propostas metodológicas do grupo, nos desafiando a deslocamentos, escritas, composições como a que ora partilhamos como inspiração e indisciplina.

O Varandão Decolonial nasce como atividade de ensino itinerante, pautado na experimentação e exploração de temáticas da vida dos discentes que construíram o grupo. O nome que identifica o grupo surge assim, como brincadeira, inspirado em um vídeo repercutido em Fortaleza, Ceará, saudando um bar famoso por frequentadores LGBTQIAPN+, o varandão. Propondo, nesse sentido, que a Psicologia possa sujar-se da realidade e perspectivar outros mundos possíveis.

O primeiro encontro do Varandão, intitulado “Safocine”, debruçou-se em discutir a representação do amor entre mulheres no cinema e suas diversas facetas. Seguindo uma tendência experiencial partilhamos as primeiras experiências de cinema, os significantes que encontramos nos filmes que marcaram nossas vidas e que mudaram nossa perspectiva e forma de ver o mundo. Debateu-se sobre as consequências de mulheres se colocaram atrás das câmeras, como diretoras, conduzindo o olhar dos telespectadores à observar a história do ponto de vista de quem narra uma parte da própria história. Assim o Varandão iniciou, em uma tarde, na biblioteca pública do Estado.

O encontro intitulado “Caioverso” surgiu da fusão entre o nome de um dos participantes e o Aranhaverso, universo dos

filmes protagonizados por Miles Morales, jovem negro da periferia de Nova Iorque que assume o manto do Homem-Aranha. A descoberta desse herói marcou profundamente a trajetória do facilitador, impulsionando-o a se reconectar com seus cachos e com expressões afirmativas de sua negrura. Ancorado na máxima “qualquer um pode ser o Homem-Aranha”, o encontro propôs que cada participante criasse seu próprio herói ou heroína, revelando como a ficção especulativa se entrelaça aos afetos e desejos de quem a cria. O exercício resultou em um multiverso de personagens singulares, encarnando sonhos e mundos por vir. Operando sob a chave do afrofuturismo como ruptura estética e política, o encontro apostou na imaginação como força contra as narrativas coloniais, criando brechas na gramática da branquitude ao vislumbrar futuros em que pessoas negras estejam vivas e inteiras. No Varandão, entre teias e sonhos, seguiu-se o salto de fé rumo a outros futuros possíveis.

O encontro Forró se deu em meio ao caos apressado da capital, encontramos um refúgio improvável, mas que se mostrou ideal para o nosso objetivo daquela manhã. Era fim de semana, chovia leve, e o mercado público transformava-se em um pedaço do interior, espaço cheio de cheiros, sons e sabores do nosso sertão. Para esse encontro, o forró era o tema. O forró que embala as festas e vidas nordestinas e que proporciona um encontro de gerações. O forró que é ponte entre corpos e afetos,

que aproxima passos e embala paixões. Falamos do forró como quem fala da própria história; ao cultivar a afetividade, a música se transforma em linguagem do coração, forma de ver e sentir o mundo. Mas não esquecemos que há, também, uma luta em cada acorde, já que o forró, em sua origem, é resistência. É uma festa feita à margem. Conversamos sobre sua trajetória, como ele se molda ao tempo, muda de roupa e atravessa décadas. Discutimos, também, o silêncio que muitas vezes o cerca: ainda hoje, há quem diga que o forró “não é cultura” - e nas páginas dedicadas à música popular brasileira, raramente há espaço digno para ele. Assim, entre choros, memórias e risos partilhados, encerramos o encontro com saudade. Saudade de casa. E ali, naquele mercado, por algumas horas, voltamos ao colo da nossa terra.

No encontro “Atrás da Verde e Rosa só não vai quem já morreu” pintou-se no céu da cidade um pôr do sol verde e rosa. Atravessados por um ar quente e sob um solo urbanamente acinzentado, o grupo dispôs-se circularmente em cadeiras amarelas, que arrudeavam uma mesa de bar. Um bar que já foi palco de tantas crônicas universitárias, naquele dia fez-se Sapucaí, cenografando o seguinte enredo: a construção de pontes entre a proposta decolonial e os fluxos da Estação Primeira de Mangueira, popular escola de samba carioca. Discutiu-se tal aproximação em roda, construindo sentidos à

medida que a fala ia girando. Nos enunciados iniciais, puxados pela facilitadora do encontro, partilhou-se a história da Mangueira a partir de um olhar que indissocia sua composição e seu legado dos processos de construção das subjetividades brasileiras. Debateu-se como ambos foram (e são) atravessados pelo colonialismo e pela colonialidade, mas os resistem e os subvertem com ginga e molejo para criar contextos de expressão e invenção de vida. Nessa linha, pautou-se o samba e os festejos em seu nome como criações de memória, de presentes e de futuros. Ou seja, o samba como manifestação de vida, prática de cura, dispositivo de resistência e inventor de possíveis. Fazendo jus ao teor do encontro, musicalizou-se a troca por meio de uma dinâmica: distribuiu-se, em uma cartola verde, papéis rosas que continham trechos de samba-enredos (en)cantados pela Mangueira ao longo dos anos. Solicitou-se que cada participante pegasse aleatoriamente um papel e compartilhasse como o verso contido nele lhe atravessou e qual era sua relação com o samba até o momento. Esse mote gerou a partilha de experiências de vida, bem como a construção coletiva de significados relacionais entre território brasileiro, subjetividades, samba e os papéis das escolas de samba. No processo, deu-se ênfase a um reconhecimento da Estação Primeira de Mangueira como agremiação alinhada à ética decolonial, na medida em que, há anos, ela entra na avenida pisando devagar e tocando forte, com

o cuidado e a beleza, a alegria e a tristeza de quem entoa, em samba, a(s) história(s) que a história não conta. Quando o sol se pôs no fim do encontro, entendeu-se porquê atrás da verde e rosa só não vai quem já morreu.

No encontro acerca dos direitos à cidade, paramos no Theatro José de Alencar, um patrimônio histórico-cultural de Fortaleza, para costurar os nossos modos de habitar as cidades e até mesmo questioná-los. Unimos a cidade Russas, Canindé, Caucaia, Iguatu, o Bairro Passaré, Itapipoca, o Bairro Benfica, Santana do Acaraú e o Bairro Quintino Cunha para compartilhar memórias afetivas e construir ainda mais sentido a tudo que nos atravessa enquanto habitantes de *tanto canto*. Talvez já tenhamos cruzado os olhares nessa cidade em um dia comum, mas o que nos unia naquele momento? O que nos separou? Nos interessou a reflexão que escapa de uma jurisprudência, uma vez que compreendemos o direito à cidade como enunciante da nossa fruição nesses territórios, sobre afeto pelo chão que a gente nasce, mas também pelo que a pisa para alcançar sonhos. Nessa lógica, cabe pautar essa garantia de direito enlaçada com a preocupação acerca do que deixamos para as futuras gerações. Por fim, o encontro produziu um desejo de um acesso digno à cidade de modo a respeitar às nossas memórias sobre aquilo que já foi possível viver nela, bem como disputar os

espaços, construir a pertença em comunidade e habitar com os nossos afetos.

O “Trançando Caminhos Espirais: produção de reexistências através do trancismo” foi, primeiramente, uma surpresa. Havia entrado no PET no meio do dos diversos fluxos de atividades, dentre as quais o Varandão. Acompanhar esse trem em movimento foi uma tarefa difícil, que gerou algumas solidões e tristezas, mas que me deixou sonhando com a possibilidade de fazer outras edições onde pudesse levar as diversas formas de expressões artísticas que me atravessam e me constituem. Esse momento acabou vindo mais cedo, quando disseram que iriam abrir mais um encontro para que eu pudesse participar. Me vi em um breve momento de desespero com muitos tons de felicidade, pois os outros temas pareciam como pequenas partes de mim: a Lívia do Rap, do Forró, do interior para a capital. Mas precisava buscar aquilo que me diferenciava naquele espaço. Foi nesse processo de imersão em mim mesma que percebi o quanto o trancismo se fez presente na minha trajetória, entre deslumbres, encantamentos, enfrentamentos e concretizações. A partir disso, tentei traçar uma linha do tempo, mas essa linha continuava fazendo curvas nos distanciamentos provocados pelas violências, o reavivamento do desejo pelos descobrimentos sobre a história da trança, e o encontro com a realidade de ser uma cabeça trançada. Diante disso, percebi que

uma linha reta não transcrevia os movimentos da minha experiência e me lancei com leituras que trouxessem uma contraproposta, como as cosmovisões do tempo circular de Nego Bispo e do tempo espiral de Luiz Rufino, as quais foram guias para a metodologia do grupo. Diante disso, abri o meu encontro como um espaço onde eu pudesse falar do trancismo enquanto esse fazer que supera a noção de tempo linear, onde só há direção para um fim, torcendo-o para resistir à colonialidade, promover a autonomia de mulheres negras e retomar a autoestima de pessoas negras sem negarem a si mesmas. Além disso, foi um espaço, também, de confluência de saberes e experiências, onde pudemos falar de nossos cabelos-histórias-identidades e encontrar pontos de partida para ressignificações. No meio disso, viajamos entre histórias familiares, memórias, violências e processos de aceitação. Ao fim, produzimos desenhos, guiados pela ideia de desenhar nossos cabelos com palavras que transmitissem aquilo que dizemos com eles no nosso dia a dia, tendo em vista que corpo também é linguagem. Para selar a ponta dessa trança, falo do espaço que escolhi para receber o encontro, a Estação das Artes. A Estação é um sintoma do apagamento histórico, uma vez que foi um espaço adaptado do que era uma estação de trem, a qual foi construída em cima de um cemitério. Pouco se divulga sobre a história desse cemitério, pouco se divulga sobre o funcionamento de ambas as Estações.

Pouca aproximação se tem entre esse cubo branco e a comunidade que ele ocupa. Dessa forma, ao trançarmos todo o debate sobre corpo-arte, colonialidade, epistemicídio, negritude e memória, fizemos tremer as paredes e os corpos brancos que se propõem arte, produzindo caminhos para a reexistência de nossos corpos falantes.

No encontro “Batalha da Bia”, o Varandão mergulhou no Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura para explorar a cultura do hip-hop como linguagem de produção de vida, visto que este território cultural tem sido palco de resistência que fortalece o movimento e a criação de rimas há quase uma década. Desse modo, o grupo percorreu uma perspectiva histórica sobre como o rap, emergindo das margens, se afirma como criação cultural de denúncia das violências estruturais e de invenção de novas narrativas para corpos dissidentes historicamente silenciados, principalmente de pessoas negras e periféricas, precursoras de sua origem. Refletimos, ainda, sobre formas de tensionar a educação por meio do encontro e da travessia da cultura, com um recorte especial sobre a cena em Fortaleza e o trabalho de artistas/rappers locais que enfrentam a marginalização artística. Partindo da ideia de que o rap é uma maneira de contar histórias, ao final, os participantes foram convidados a criar, a partir de colagens, capas de álbuns simbólicas que expressassem as vivências que encarnam suas próprias memórias enquanto

corpos vivos, pulsantes e políticos. A proposta funcionou como um dispositivo de expressão ética-estética-política, estimulando a construção de mundos próprios através da invenção artística e da memória.

SUMÁRIO

PREFÁCIO

APRESENTAÇÃO

CAPÍTULO 1 24

A MANEIRA QUE NOSSAS HISTÓRIAS SÃO
CONTADAS MUDAM TUDO

Ana Raquel Silva Patrício

CAPÍTULO 2 28

A MEMÓRIA QUE EU QUERO DISPUTAR

Maria Mariana de Andrade Silva

CAPÍTULO 3 35

TRANÇANDO CAMINHOS ESPIRAIS

Lívia Maria de Sousa Araújo

CAPÍTULO 4 45

ABRAÇO AO GRITO.

Ana Beatriz Alcântara Mateus

CAPÍTULO 5 55

DIÁRIOS DA VARANDA

Levi de Freitas Costa Araújo

Lívia Maria de Sousa Araújo

CAPÍTULO 6

67

ANDANÇAS E MUDANÇAS*Mirela Studart***SOBRE OS AUTORES**

74

CAPÍTULO 1

A MANEIRA QUE NOSSAS HISTÓRIAS SÃO CONTADAS MUDAM TUDO

Ana Raquel Silva Patrício

Em uma tarde quente de Julho - nada de novo sobre isso, no Ceará é quente o ano inteiro -, eu estava em meu quarto, com as janelas e cortinas fechadas, o ventilador no máximo e um filme *cult* de duas horas e meia de duração pela metade. Quando meu irmão havia me recomendado o filme ele disse: “é um clássico, você precisa assistir!”. Aparentemente, clássico não é sinônimo de filme bom, pois eu estava terrivelmente entediada. Em meio à atmosfera abafada do quarto e o tédio de olhar para meu notebook, tive um momento desconfortável de consciência em relação a mim mesma. Por que estava insistindo tanto naquele filme? Frames e mais frames de figuras masculinas desempenhando papéis de gênero estereotipados e heteronormativos, parecia que eu estava tentando me convencer a gostar daquilo, como se eu estivesse me preparando para quando alguém me perguntasse sobre ele, e quando o fizessem eu poderia responder: “Ah, claro! É um clássico.”, em seguida eu

poderia dar uma opinião genérica que ouvi em algum lugar sobre um diretor estadunidense que eu não dou a mínima.

De repente estava me questionando se filmes deveriam mesmo causar aquela sensação. Sempre entendi o cinema como a experiência de olhar, de espreitar através da tela e acompanhar histórias que nos tocam. As histórias não deveriam nos fazer sentir alguma coisa? Seja porque nos identificamos ou porque acabamos de conhecer algo totalmente extraordinário que antes só existia na imaginação de outra pessoa. Aqueles pedaços de história deveriam ocupar fragmentos do nosso cotidiano, modificando nossas percepções, mas naquele momento tudo que me causava era tédio.

Naquela época, meados de 2018, eu ainda estava me descobrindo em relação à minha sexualidade, então talvez tenha vindo daí minha insatisfação com os filmes que andava assistindo. O fato é que isso me levou a adentrar um novo mundo do cinema, comecei a consumir o maior número de filmes e séries que retratasse mulheres sáficas. Descobri que existem vários filmes sobre garotas com “tendências homossexuais” que são mandadas para colégios internos - e que ótima ideia, ein? -. também haviam muitos filmes de época com mulheres brancas vivendo um amor sáfico proibido mas no fim voltando para seus maridos tediosos, isso quando elas não morriam no final. Percebi

que não bastava que os filmes tivessem mulheres sáficas no roteiro, a forma de contar a história mudava tudo.

Sentia falta de obras nas quais o grande clímax não fosse a superação da homofobia, claro que coisas assim estão presentes em nossas vidas, mas onde sobra espaço para os conflitos comuns, por que estava reservado somente o amor difícil para as mulheres que amam outras mulheres? Foi quando cheguei aos filmes clichês, filmes com finais felizes onde a protagonista larga o marido para ficar com a mulher misteriosa que foi florista no seu casamento, filmes com casais interraciais no qual a sapatão caminhoneira era considerada bonita e perfeitamente amável ao invés de apenas um alívio cômico. À medida que explorava cada vez mais diferentes tipos de filmes e séries também explorava coisas sobre mim mesma, reconhecia nos desejos das personagens os meus desejos, me surpreendia com as reações do meu corpo a assistir uma cena romântica entre duas mulheres.

Filmes disruptivos como “The horror picture movie show” ou séries como “Pose” foram me fazendo sentir cada vez menos envergonhada acerca da minha sexualidade e mais orgulhosa de fazer parte de uma comunidade. A sensação de que havia uma cultura ali, de que a subversão das normas não era um defeito, era como um processo gradual de aceitação e o cinema foi facilitador.

De fato, a forma como as nossas histórias são contadas mudam tudo. Estive muito tempo presa a filmes com visões coloniais sobre corpos femininos e não brancos. Nesses filmes corpos dissidentes tinham suas formas de viver sentenciadas, escolhiam o destino e penitência de quem fugia a uma norma cisheteronormativa e branca. Quando esses corpos passam a dirigir e produzir as obras, isso muda, não só reflete na tela uma experiência real mas também inventam-se novos possíveis.

Consumir filmes, séries e curtas metragens de diferentes países e sobre diferentes realidades me trouxe de volta a sensação de ser tocada pelo cinema. Dos diversos mecanismos utilizados no cinema para contar uma história, do mais simbólico silêncio ao olhar da personagem atravessando a câmera e chegando até o telespectador pude sentir um *como se*. Eu sei que parece esperar muito de uma ida ao cinema ou de um play no controle remoto da televisão da sala, e é óbvio que tem dias que tudo que queremos é um filme alienante que nos faça esquecer da realidade, mas ainda assim, isso é bem diferente do tédio. Afinal, não há nada de simples no ato banal de assistir um filme.

CAPÍTULO 2

A MEMÓRIA QUE EU QUERO DISPUTAR

Maria Mariana de Andrade Silva

Meu pai é um homem cheio de simpatia, por aqui a gente costuma chamar gente assim de vereador. Ele passa dando bom dia para os cachorros da vizinhança, apertando a mão de desconhecidos e *rachando o bico* junto ao porteiro do prédio. Todo dia faz o mesmo itinerário: acorda cedo para ser o primeiro da fila a tomar banho aqui em casa, faz o café com a toalha ainda no pescoço, liga a televisão para conferir se não houvera nenhum acidente entre a avenida Mister Hull e a Praça do Ferreira – o que comeria bons minutos do seu dia – e merenda conosco antes de partir para o trampo.

O Sr. José é vendedor de calçados ali pelas bandas do calçadão C. Rolim, trabalha de carteira assinada desde os 18 anos de idade e em breve vai se aposentar. “Se Deus quiser e ele há de querer, minha filha”, como sempre enfatiza. O povo vive dizendo a ele que só a partir daí que se tem sossego, mas o Sr. meu pai se pergunta o que é essa vida sem um pouco de aperreio, sem pensar nos afazeres, livre de um bate boca acirrado na hora do almoço, com os minutos contados, junto aos

aposentados que ficam nos bancos da praça falando do clássico-rei do final de semana, cada um segurando seu radinho no pé do ouvido. Para ele, o lugar é esse, no meio da cidade, se arriscando nas vendas, nas mentiras que adora contar e com a família. “Já me dá é uma agonia pensar em ficar em casa só de *flôzo* esperando o dinheiro na mão”. Talvez o meu pai só tenha conhecido a vida assim.

Esse é o homem que sempre ousou desafiar os limites do mundo por mim, comigo. Falo pouco dele, eu acho. Quando eu era uma *piveta*, todo domingo o acordava pulando em cima de seu buchão implorando para brincar de esconde-esconde e lá ia ele, ainda bocejando, descobrir espaços no apartamento capazes de caber ele e o seu buchão. Depois, minha mãe mandava a gente ir comprar a mistura do almoço e eu ia o caminho todo pedindo para trazer “*flango*”. Às vezes, me pego observando o mundo com as mesmas lentes que ele sempre usou para me mostrá-lo. Em meu vocabulário, sempre vai existir um “Conversa homi, isso é história para boi dormir” enquanto existirem boas lorotas para se ouvir.

Essa rotina sufocante do Sr. meu pai dentro de uma escala 6x1 me traz na lembranças cenas nas quais a falta dele protagoniza. Como naquela festa de São João da 3º série que ele só conseguiu chegar depois da minha turma ter se apresentado, assim como também tiveram os diversos aniversários que ele

trouxe salgadinho frio no fim da festa porque a condução atrasou demais e lembro nitidamente dos encontros de família que o espaço dele na foto ficou vazio. Ainda que atrasado, ele chegava trazendo toda a simpatia da cidade para perto de nós, me detalhando cada calçada que viu pelo caminho e me deixando presente em todos os cenários que esteve presente nas longas horas dele longe de casa, longe de mim. Nesse mesmo compasso, os dias de folga do serviço também eram utilizados para se divertir *batendo perna*, livre do ponteiro do relógio indicando obrigações, mas sim esperando o sol escaldante de Fortaleza nos dizer que está na hora de se refrescar com um marujinho tutti frutti que deixa a língua azul. Eram justamente nesses dias de descanso que eu o ouvia atentamente rasgar as maiores mentiras do mundo: “o papa já morou nessa casa da nossa esquina, mas precisou sair por não pagar mais o aluguel, teve que ir para o Vaticano”. Espalhei essa história por aí várias vezes. Durante esses momentos folgados, lembro da ansiedade que batia em mim para sentar em qualquer banco de alguma praça e escutar as histórias de garoto que ele sempre contava, verdades ou não, apareciam a qualquer hora. Dessas andanças, morava a própria construção da cidade entrelaçada em seu enredo. Do restaurante que era seu favorito e tornou-se um bar frequentado pelos jovens de hoje, até a estação que ele pegava trem para ir ao interior da família, a qual atualmente é um

complexo cultural. A memória esteve presente em todos os nossos encontros.

No centro da capital, o fluxo intenso deixa todos aperreados em busca de um ar-condicionado em qualquer loja e uma água trincando, mas o horário de almoço naquele dia, segundo meu pai, estava mais tranquilo que o habitual e ele – como um bom empregado – não iria dar o seu descanso ao patrão assim de mão beijada. Por isso, atento ao que poderia fazer no pingar das horas, percebeu a muvuca de frente ao Theatro, algo incomum para uma terça-feira. Na curiosidade, avistou uma pessoa pintada dançando na calçada da frente, junto a espectadores ao redor vaiando com animação cada movimento do artista. Ali ele resolveu sentar, ao lado de outros trabalhadores descansando na pausa do trampo, enquanto ouviam a música do batidão que era dançado, com sons dos carrinhos que vendem CDs piratas, observando os passos dos pombos da praça e sentindo umas folhas caírem do galho da árvore que acima dele faz sombra.

Por decidir sentar-se, não conseguira ver nitidamente quem fazia aquele giral, mas a frente do Theatro o remeteu a sua primeira vez pisando naquele espaço, ao lado do meu avô, no final dos anos 80, para assistir uma conferência nordestina sobre as águas do Rio São Francisco. Meu pai não entendia nada sobre fluvialidades, diferente do meu avô, mas os detalhes da

arquitetura do prédio bastaram para capturar a atenção daquele jovem. Como pintaram esse teto inteiro com ouro – pelo que ouvira alguém contar – e quem costurou essa cortina grande e pesada que cobre o palco, eram as coisas que ele reparava.

Depois disso, na sua lembrança, o Theatro aparece em outros lapsos dos dias corridos que ele encara desde a adolescência. Na sua primeira entrevista de emprego, em uma loja de roupas, foram as portas do Theatro que o acolheram, ansioso e trêmulo, enquanto esperava o horário marcado com o chefe de recursos humanos da empresa. Saiu de lá com a pasta que carregava seu currículo e carteira trabalhista debaixo do braço e, quando passou em frente no caminho de volta, já era um trabalhador.

Foi lá dentro que ele ouviu, pela primeira vez, uma orquestra sinfônica fora da televisão. Pagou nada. Foi convidado pela empresa para ir, depois do horário de serviço, para a apresentação e, ainda que exausto do dia, disse que não custava nada passar lá e ficar ao menos meia hora. Ficou a noite toda, conversou com os músicos no final e, por fim, tomou uma cerveja com os amigos do trabalho no bar da Imperador.

A história da bailarina assombrada que vivia assustando o povo no Theatro é a maior lorota que rola pelo centro. Essa conversa ele conta até hoje para qualquer pessoa que não mora

por aqui e se diverte reparando em como o povo acredita rápido em história de assombração.

Lembrou que já visitou os jardins do Theatro incontáveis vezes para se vacinar nas ações do Sistema Único de Saúde que são ofertadas com frequências ali. E, com bastante medo de agulha, ria de nervoso com alguma enfermeira enquanto esperava os resultados de algum teste rápido novo que foi desenvolvido. Pelo visto, o Theatro cuidou dele algumas vezes.

Dentre essas tantas memórias, existem as comigo, filha, na companhia dele naquele equipamento, em dias que eu acompanhava minha mãe para ir ao centro e aproveitamos para fazer algo com o meu pai nos seus intervalos. Eles costumavam me levar aos jardins para eu correr à vontade e ouviam minhas perguntas incessantes parecidas com as de meu pai quando mais novo: “pai, como conseguiram pintar o teto tão alto assim?”. A isso, ele respondia calmamente, e segurando o riso com dificuldade, que só podia ser alguém com asas capaz de ir até lá em cima. Eu acredito nisso sem pestanejar.

No mês passado, ele esteve lá também me acompanhando em uma programação acadêmica-artística, fruto das minhas atividades universitárias. Foi a primeira vez que pude imergir meu pai em algo que construo na academia, e foi ali, nos mesmos jardins que compõem a nossa história, que eu percebi como o Theatro flutua em boas memórias das nossas vidas, as

VARANDÃO DECOLONIAL

diversas já contadas pelo meu pai e, agora, as que carrego junto a ele nesse chão.

CAPÍTULO 3

TRANÇANDO CAMINHOS ESPIRAIS¹

Lívia Maria de Sousa Araújo

“A nossa escrevivência não é para adormecer os da casa-grande, e sim acordá-los de seus sonos injustos”

- Conceição Evaristo²

No momento em que sentou naquela cadeira, Maria sabia que não tinha mais volta. Estava diante de pacotes de jumbo loiro, pomadas e uma trancista. Mas parecia que estava diante da Maria de 4 anos. Os repuxados das repartições incomodavam um pouco, mas nada se comparava à dor que sentia quando sua mãe repuxava seu cabelo, a seco, na intenção de conter todo e qualquer fio que se rebelasse contra sua mão branca que caminhava em direção a um rabo de cavalo. Seu cabelo meio

1 Decidi por não escrever o meu texto como um relato ou algo do tipo por perceber que a Escrevivência melhor transmite o que desejava com meu varandão. Foi uma escolha ética-estética-política, mas um relato não fidedigno pode ser encontrado no capítulo “Diários da Varanda”, deste mesmo livro.

2 O presente texto se trata de uma Escrevivência, um gênero literário representado por Conceição Evaristo, escritora negra, mulher e periférica que, assim como muitas outras semelhantes, faz da palavra um ato de resistência contra a colonização. A citação foi retirada do livro “Escrevivência: a escrita de nós: Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo” (2020).

cacheado e meio crespo, numa mistura de texturas que o fazia ser ainda mais complexo e completo, se reunia em uma leve e macia bolinha, próximo à nuca.

Um tempo depois, como parecia ser o destino de todo cabelo crespo naquela época em sua cidade, começou os alisamentos. Eram horas a fio sentada em banco de salão, sentindo a química penetrar seus fios, seu nariz, sua boca, seus olhos, queimando tudo, tentando dar fim às evidências de sua não-branquitude. Mas o preto óleo que habitava as profundas camadas de seu ser também pegou fogo. O som da explosão foi alto. Ela atingiu desde os membros familiares mais próximos até as extremidades, até os quatro cantos daquela pequena cidade que habitava. Todos ficaram sabendo que Maria não conteria mais o volume de seu cabelo bomba-atômica.

A trancista começa a dividir seu cabelo em quadrados pequenos, utilizando uma pomada que se assenta gelada na sua cabeça e emana um cheiro inesquecível que fica marcado na memória olfativa para sempre como cheiro de trança. Abrir caminho por entre as raízes que revestem nosso ori é o momento comum de muitos dos penteados afro. Antes de cobrir seu cabelo com o jumbo, a trancista faz pequenas trancinhas com seu cabelo natural, a metalinguagem dos cabelos trançados. Cochichando, a trancista conta a olho quantas divisões são necessárias para respeitar a simetria, a perfeita distribuição das formas

geométricas a serem desenhadas na cabeça, faz uma aproximação de quantos pacotes de jumbo será preciso para fazer a cabeça inteira, atingindo precisamente o comprimento que Maria pediu. “Sabia que eu to fazendo EJA? Sabe eu sei que tu faz faculdade, Maria. Era meu sonho fazer também, mas acho que não levo jeito, não. Tem que fazer ENEM e eu sou péssima em matemática”.

Maria se percebe com uma parte do cabelo trançado e outra parte dele sem nenhum tipo de produto, sem definição, apenas uma grande e escura nuvem. Aquele cabelo que crescia na raiz, anunciando o terror de sua mãe: não faria um cacho perfeito. Não, parecia crespo. Isso não poderia acontecer. Sua mãe a lembrava disso sempre que viajavam para cidades grandes, onde mulheres negras ostentavam seus afros nos shoppings, praças, praias, sem medo, sem vergonha. O medo e a vergonha sentia Maria, quando escutava a pergunta risada “é assim que você quer seu cabelo?”. Sempre respondia com os olhos marejados de raiva e mágoa “sim, é lindo.”. Sua mãe esperava que Maria se juntasse a ela naquela chacota, que negasse quem era. Por Maria não corresponder, a mágoa se tornava de sua mãe. A pequena Maria não se importava com a visão dos outros brancos sobre seu cabelo, não buscava corresponder a nenhuma expectativa externa. Mas quando a rejeição vinha de sua própria mãe, seu mundo se despedaçava.

A trancista termina de dividir seu cabelo e começa a separar o jumbo. Disso Maria também participa. A trancista entrega uma mecha grossa e a pede para dividi-la em quatro pequenas mechas, as quais ficam distribuídas entre os dedos de Maria. Mais outras quatro mechas divididas pela trancista descansam entre os dedos da outra mão. O cabelo que sobrou aguarda sua vez no apoio da cadeira. Maria sente o vento gelado entrar pela janela e caminhar pelos caminhos abertos em sua cabeça. Sente o jumbo entrar em seus fios trançados. Sente a energia do Rap cantado pela trancista de forma distraída, enquanto sua atenção se fixa na simetria das mechas escolhidas. Ela narra tudo o que está fazendo na cabeça de Maria e Maria narra para ela tudo o que está sentindo. A trança nasce da sintonia entre ambas, estão trançando juntas.

A primeira trança começa a surgir. Dourada. Grossa. Chamativa. Como Maria. Grossa já foi sua principal característica muitas vezes. Seja por ter respondido comentários racistas sobre seu cabelo, por ter se esquivado de mãos inconvenientes que tocavam nele sem permissão e, muitas vezes, por não ter modificado sua fala para deixá-la palatável a quem a agredia. A preta raivosa é um estereótipo que não fugia de corresponder, pois era um dos poucos que a permitia falar, não esconder sua raiva. Não via outra opção, pois quando decidiu não ter raiva, não falar e atendeu aos desejos da branquitude, demoliu novamente a

estrutura complexa de seus fios para reconstruir cachos minimalistas e opacos, em um permanente. Chegou a procurar entre os escombros de sua raiz os sobreviventes, mas restaram apenas pele ferida e fios mortos. Percebendo que nada ali era ela, chorou a dor de se perder de novo.

Quando a fome se anuncia pelo ronco estrondoso de sua barriga, a trancista pergunta se podem fazer uma pausa para comer. Maria aproveita o momento para admirar no espelho o processo da arte. Uma metade do cabelo está dividido nas finas tranças iniciais. A outra metade está protegida dentro de cordas trançadas, longas e brilhantes. Uma imagem fotografia do meio-processo onde transitam duas de si, um encontro de águas claras e escuras como a pororoca. Fecha seus olhos, se abraça, se recebe e dá passagem à nova forma de si. De seus olhos joram cachoeiras que banham o ouro de seu cabelo e o marrom de sua pele. Olha novamente para o espelho e vê mamãe Oxum, parecida com ela, dourada e preta como ela, imersa nas cachoeiras de suas lágrimas e dançando a luta que irá enfrentar ao lado de Maria.

Não será a primeira luta em que Oxum a acompanha. Quando seu cabelo já tinha comprimento que considerava suficiente para cortar, cortou sozinha. Os salões de beleza de sua cidade se tornaram espaços repulsivos onde só ia para receber insultos e maldições sobre seu cabelo. Além da dor, chegava a rir

da preocupação que as pessoas tinham do seu cabelo não formar cachos que eram aceitáveis para elas. Mas Maria conseguia ver que não era apenas a sua raiz que incomodava, pois os próprios fios mortos anunciamavam nascimentos indesejados, que ondulavam desejando a liberdade do mar na cabeça daquelas mulheres que odiavam a ela e si mesmas. O que incomodava era a coragem. A coragem soberba que Maria tinha de se sentir no direito de não desejar mais ser outra coisa. A coragem que Oxum deu pra Maria lutar por si mesma.

Maria alimentava essa coragem raivosa e juntava para arrebatar os últimos fios lisos que restavam em meu cabelo. Deixou ele curto, curtíssimo, mas era seu, era ela, só ela. A partir de então passou a procurar, sozinha, formas de cuidar de seu cabelo, acompanhando aquelas mulheres negras que compartilhavam suas caminhadas e finalizações nas redes sociais. Mas os produtos que elas usavam ainda não haviam chegado na cidade de Maria. Teve que fazer um acordo com o dono da bodega do outro lado da rua para que ele conseguisse os produtos, em troca de Maria virar sua compradora fiel. Começou a testar os diversos produtos, as diversas finalizações, as diversas preparações e manutenções. Demorava horas em processos que a conduziam a um desejo de perfeição que nunca saciava. Tinha acreditado no discurso de autocuidado daquelas mulheres que a ensinavam a domar seus fios. E assim foi durante muitos anos,

aplicando quantidades inacreditáveis de creme de pentear, tentando domar seus fios. Uma necessidade compulsória para fugir da possibilidade de esfregarem a suposta feiura de seus fios que não eram cacheados e sim ruins. O barulho do julgamento alheio estava mais alto que sua própria, a qual já não conseguia escutar. Se perdeu na multidão de dedos que a apontavam.

Ali, no salão da trancista, que também é sua casa, chega sua irmã, que também vive do trançar. Ela chega tagarelando, rindo alto, contando alguma desventura que viveu no centro da cidade. Põe três pacotes de jumbo e um capacete na mesa e elogia o cabelo de Maria e o trabalho da trancista. “A mãe iria pedir pra tu fazer esse cabelo nela”. Aprenderam a trançar com a mãe, quando não queriam mais alisar seus cabelos. Não toleravam a ideia de ter duas texturas diferentes disputando espaço em suas cabeças. E a trança, que era uma tentativa de esconder o cabelo, foi se tornando um meio de entendê-los. A mãe trançava a cabeça de uma enquanto a outra olhava e aprendia, até conseguirem trançar suas próprias cabeças. Começaram a receber pedidos de suas amigas e, de cabeça em cabeça, foram juntando suas rendas até conseguirem montar o salão, o qual morava em um cômodo da casa delas. Aquela casa, os móveis, as roupas, os cabelos, a independência, tudo conquistado através de gerações de mulheres negras entrançadas, que faziam seu caminho no presente por meio do

registro oral de suas histórias através do tempo. Quando a espiral da vida da mãe deu sua última volta carnal, ela continuou a rodar nos espirais dos bantu knots que se assentavam nas cabeças de suas filhas. As tranças conectam filhas e mãe a um saber ancestral, reafirmado a cada nova trança aprendida e reproduzida, inventada e reinventada. São gerações-fios-soltos que se arrematam e firmam um entrançado de reexistências que entortam o tempo linear.

Voltam a trançar. Maria já está acostumada aos movimentos repetitivos e sincronizados que as mãos da trancista fazem. São sete tranças no topo de sua cabeça. São sete músicas tocadas na televisão. São sete horas passadas na feitura do meu cabelo e mais muitas horas adiante. Faz silêncio na casa, na rua, no canal avistado pela janela, fazendo a letra da música que está tocando se sobressair. Rappers mulheres sacralizam o momento em que a trancista pinta de ouro o centro da cabeça de Maria. Ali no centro está ela, Oxum, a trancista e todas aquelas minas pretas que cantam suas mulheridades, como as delas

Teve um momento na vida de Maria em que decidiu deixar de acompanhar as regras das redes sociais sobre cabelos. Estava saturada de novos produtos, novas finalizações mágicas, novas perfeições para desejar, que aniquilavam outras possibilidades de usar seu cabelo. Necessitava de novas possibilidades para seu cabelo. Um dia, em uma das viagens

para cidades grandes, reparou em uma mulher negra andando com seus livros em direção a uma universidade, com seus cabelos trançados cor de rosa. Não sabia muito sobre aquela mulher, mas a imagem dela se assentou na sua cabeça de tal forma que os comentários de sua mãe sobre sequer se fizeram ouvir, bastava a certeza de que eram negativos. Maria chegou na casa de sua tia, onde estava de visita com sua mãe, e mergulhou em pesquisas sobre tranças. Como cuidar, como fazer, como surgiu. Navegou em diferentes tempos das tranças, em diferentes povos trançados, em diferentes significados transmitidos. Foi nesse momento que Maria escapou de todos os dedos que a apontavam, silenciou o barulho do julgamento e voltou a ouvir sua própria voz. Sua voz lhe trouxe a clareza. Usar as tranças não faria menos barulho que usar seu cabelo mais natural. A aceitação incondicional de seus fios e todos os seus aspectos veio juntamente com sua paixão pelo trancismo. Sabia que não poderia trançar enquanto dividisse teto com sua mãe, mas sabia que tinha um universo negro em sua cabeça para explorar.

Um repuxo puxou Maria de volta ao momento presente. A trancista faz o nó da última trança, firmando a raiz bem rente ao jumbo que se mistura com o seu cabelo natural. Se misturaram, também, quem Maria foi, quem Maria é e quem Maria será. Pontas seladas, joias penduradas, mousse aplicado, olhos no espelho. Nesse momento, Maria reluz em ouro, em um brilho tão

intenso que incendeia todos os dedos que a apontavam. Através do espelho, Maria e a trancista vêem seu povo antes, durante e depois da exploração. As duas pegam na linha do tempo e a torcem em um espiral, aproximando a ponta passado da ponta futuro, desachatando o presente. Na ponta do futuro, essa que não para de encaracolar, Maria e a trancista alcançam seus diplomas e os guardam consigo. Rodopiam na espiral do tempo até chegarem no passado da colonização. Ateiam fogo em todos aqueles papéis que registram a criação de uma negritude pela visão dos colonizadores. Pegam seus diplomas e os colocam no lugar vazio dos documentos que já não existem mais. Maria e a trancista queimaram o racismo e retornaram-se negras à curva do presente.

CAPÍTULO 4

ABRAÇO AO GRITO

Ana Beatriz Alcântara Mateus

“A todas las lesbianas feministas, con quienes cada día trato de escapar de la clase mujeres, para ser libre”.

Ochy Curiel

eu consigo ouvir o som dessa música tocando na quadra da minha escola. só que já fazem uns oito anos que isso aconteceu. mesmo assim aquelas letras não saem da minha cabeça. quando no meio da favela, *a gente* cantava sobre o amor. *a gente* dançava na rua de frente, olhava pro castelão e conversava sobre o clássico rei do ceará e do fortaleza que *a gente* foi na semana passada. me lembro daquelas paredes pálidas quebradas encobrindo as salas quentes, das greves ríspidas e das disciplinas sem professores. do sol penetrando as nossas peles vestidas de fardas azuis e branco no calor do meio dia, e especialmente, de todas as vezes em que nos apontaram o dedo para dizer que não chegaríamos a canto nenhum por estarmos ali.

antes de estar no ensino público, eu estive em escolas privadas. ainda que pequenas e inseridas no meu bairro, a

solidão dos corredores me fez perceber como eram as pessoas ao meu redor. *e/les* não iam à praça dos leões comprar livros usados como eu ia com o meu pai. não passavam horas na cozinha de casa com a mamãe enquanto apagávamos as letras escritas por alguém que não conhecíamos. não compravam pastel com caldo de cana lá no leão do sul, nem mesmo passeavam pela praça do ferreira. sequer já assistiram a um natal de luz em uma noite do centro. e isso era nítido entre as esquinas dos silêncios isentos e seus abismos agudos.

meus dias respiravam entre as frestas do ônibus sangrio pulsando no horário de pico. distraída com o som dos carros buzinando pra não ter que escutar todas as vezes que tentaram invadir o meu corpo. obstinada a seguir o script automático dos suores circunscritos no meu cotidiano. com a certeza de um futuro que nunca iria existir. torso curvo, voz baixa, praticamente nula. gritos violentos que eu recebi e sonhos vastos que morreram entre os desesperos das minhas angústias. me sentindo uma marca estranha no mundo sem direção.

até eu descobrir a coisa mais estranha de todas sobre mim. quando eu me olhava no espelho, encontrava nos fundos dos meus olhos a maior aberração. implorava pra ser curada todos os dias. ajoelhava no chão pedindo pra acabar. queria que a vida me desse a morte. *você é lésbica*. eu ouvia a voz do demônio me fazer queimar no inferno. *você é lésbica*. como assim

você não vai casar com um homem? você é *lésbica*. não tem problema, eu posso virar mulher para ficar com você. você é *lésbica*. você sabe que é porque nenhum cara te pegou de jeito ainda, né? você é *lésbica*? pois nem parece. você é *lésbica*. fica com uma mulher então pra eu ver se é mesmo. você é *lésbica*. tem certeza que é? você é *lésbica*. você não vai chegar a nenhum lugar na vida. você é *lésbica*. pode até ser, mas não precisa ficar contando pra ninguém. você é *lésbica*. não quero você perto da minha filha porque não quero que ela vire também. você é *lésbica*. e eu senti meu coração ser aniquilado.

foi somente quando eu mudei de escola pela quarta vez, que eu senti, pela primeira vez, o gosto que mora no abraço. eram muitos dias sem aula, com horários livres, muitas vezes não tinha professor e nem sala. então *a gente* ia pra quadra, que nada mais era do que um espaço a céu aberto, formada por um chão de cimento íngreme que já me custou muitos joelhos ralados. e *a gente* ficava embaixo das árvores conversando sobre a vida. tomando a sopa de feijão com macarrão da merenda. foram nesses segundos milimétricos que compartilhamos e descobrimos as músicas que falavam tanto sobre nós.

foi quando eu percebi que as palavras seriam as minhas maiores aliadas pelo resto da vida. independente da forma que elas sejam arranjadas. na fala. na escrita. na música. na poesia. são as palavras que me compõem e costuram vernacularmente a

trama sobre tudo quem eu sou. sinto tudo transmutado em letras que dançam. e no rap descobri uma cultura que me flechou. suturou o meu coração e finalmente me contou sobre o delírio marginal que transborda para além da norma.

dentro desse abraço, carrego comigo também os atravessamentos herdados da branquitude, que me permitiu ocupar posições que foram brutalmente arrancadas dos meus amigos. a cultura do hip-hop carrega a voz de quem teve que gritar para sobreviver, principalmente vozes negras e periféricas que ergueram esse caminho com sangue e cicatrizes ancestrais. minha escrita é também reverência aos saberes silenciados que não couberam nos livros, aos corpos que fizeram da luta uma linguagem viva, às vivências coletivas que desafiam as régides epistêmicas das molduras coloniais. foram eles que me contaram que, mesmo sob o fogo cruzado que controla os corpos dissidentes, ainda é possível construir lugares onde a vida permite pulsar.

me refugiei nas palavras para sustentar tudo que configurou o não dito. e foi na arte que eu encontrei respostas. o varandão subverteu meu mundo de cabeça pra baixo quando me fez perceber tudo isso. me sinto feliz porque consegui conhecer um outro mundo. um mundo outro que conta as narrativas dos corpos que o desarrumam. quando nos reunimos no dragão do mar, estive em contato com as lembranças que tenho da minha

cidade desde muito cedo. desde as pinturas no rosto aos domingos até os teatros improvisados na grama da praça. entre um gole de vinho e outro de diversão.

então começamos a falar de rap. como quem brinca e dialoga, mas também denuncia a violência e implica em traduzir formas alternativas de educação. e eu estava muito nervosa. muito nervosa mesmo. mas quando eu falo, automaticamente me lembro das batalhas que eu comecei a assistir. e de repente eu viajo de novo. sou teletransportada para a cururu skate rap. e de repente estou na praça da parangaba *com ever, millena e thales*. território que encontra quatro corpos dançando no enlace do mesmo ritmo. entre nossas bebidas e fumaças, nos conectamos com a boemia da resistência que nos permuta bem diante do barulho daqueles skates rolando na pista. eu vejo o break desenhando o grafitti enquanto o dj e o mc rascunham suas tags. *se tu ama essa cultura, como eu amo essa cultura, grita hip-hop.*

nessa sinergia *a gente* também se encontra no funk e no reggae da cena de *fortal*. *a gente* transborda a musicalidade através da expressão artística. sob esse compasso, reconhecer os rios subterrâneos que atravessam nossas existências é também provocar o exercício contínuo de desaprender a linguagem do controle, porque desobedecer também é criar. a arte se faz ato de fuga dos mapas que aprisionam nossos desejos em roteiros que não escrevemos. nosso corpo, enquanto

manifesto, tece a geografia das nossas pulsações. e eu uso a textura de cada centímetro da minha pele para criá-las.

então percebo que o *nó* na garganta foi o que me fez tecer o desconforto. foi ter engolido tanto incômodo que meu corpo começou a implorar para que eu pudesse vomitar. *vomitar o que não é corpo. vomitar algo luminoso.* estrela de mil pontas rasgando a garganta com um bistúri cego pela perversão do controle. deveria eu ceder ao ato de assassinato do conformismo? é um movimento disruptivo que me grita, finalmente, que eu não sou só silêncio. *eu sou um monte de barulho.* às vezes iluminado e inefavelmente irradiante como a energia solar, mas, por outras, sombrio e maquiavélico como penumbras de morte.

eu celebro todo o exagero que está penetrado na minha carne. ele sucumbe até os espaços mais retilíneos e intransigentes das minhas unhas. percorre cada partícula da minha epiderme. invade o meu coração como quem diz que há uma bomba-relógio prestes a explodir, mas me conta que a catarse dá evasão para desvendar os mistérios dos meus abismos. através de versos meticulosos, desenho linhas que contornam a gênese da minha revelia. feito algo que me atravessou desde os aminoácidos das minhas proteínas até o pó esfarelado que constitui o que vai sobrar dos meus ossos em um futuro distante. e tenho aprendido que o ato de se entregar à vida

diante dos aterrorizantes deletérios do mundo é compulsar a coexistência da bagunça estridente. como poderia afirmar imobilidade diante dos fluxos de deslocamento corrente que preenchem os nossos corpos? eu os sinto percorrerem enquanto dispositivos com formatos líquidos que costuram um dilúvio promotor de uma enchente. enchente esta que conversa com todos os meus órgãos e todos os sistemas que são compostos por ele. como quem se permite encantar pela incerteza do acaso desconhecido.

é como finalmente entender que você pode fazer bagunça pela casa. pode experimentar deixar seus brinquedos espalhados e explorar a experiência de contar aquelas histórias que rasgam as tessituras de censura propostas pelos fios de prepotência das autoridades soberanas. e talvez assim possamos desaprender a ocupar o lugar do fantoche maquiado. aquele dentro do espetáculo de horror do teatro contemporâneo. manipulado e submisso na estrutura que apaga as inflamações das chamas de alteridade. permanece sob os vértices e as arestas das amarras de uma gaiola limítrofe. feitas por arames de ferro grosso e áspero que mais se parecem com lápides que encarceram. mortificadas pela limitações subterrâneas das capturas modernas que enrijecem o êxtase.

o desespero do cotidiano implica no afago de perceber que as macroexigências estão bem aqui, escancaradas no teto e no

chão do meu quarto. já dominou a sala de estar, rodopiou até a cozinha, estabeleceu performances muito bem arquitetadas. e tentam incendiar meu grito. mas esse grito que voa, decide escolher quando pousar. e eu quero celebrá-lo. porque ele atravessa os meus olhos castanhos, minhas têmporas, meu nariz afilado, minha boca muda - desesperada -, e invade diretamente o meu coração.

entre fractais efêmeros de melancolia, a coletividade foi o meu maior ato de resistência na vida. porque só na ausência dos ditadores de normas gramaticais circunscritos no corpo, conseguimos arriscar desaprender os códigos inventivos de submissão. foi quando eu cheguei à beira do precipício, que eu arranquei o meu fígado e o refiz. assim como o meu intestino, meus pulmões, e principalmente o meu cérebro. eu arranquei todas aquelas paredes róseas neurais, desembaraçei os nódulos sombrios e me rendi à invenção. encontrei na arte meu espaço de respiro. um respiro que, apesar de torto, foi a única vez na vida que eu senti ar puro. e também foi assim que descobri que eu não caminhei sozinha. quantos desesperos não foram escandalizados antes de mim para que eu mesma pudesse gritar? esse sangue vermelho vivo se reuniu em coro para dar as mãos ensanguentadas. e deu as mãos para mim também. para que o meu grito ultrapassasse as paredes amarelas que sempre

guardaram os meus sonhos. os pedaços de sonhos de um pedaço de carne gritante que sou eu.

e é por isso que eu escrevo. eu só sei escrever. é tudo que me resta. porque eu me acostumei a inflamar todos os meus sentimentos e explodi-los em palavras. nesse momento não me importa mais nada sobre os egos superfaturados encharcados de soberania extrema. estes que são extasiados pelos próprios sufocos reversos. pelas próprias mãos autodestrutivas. pelo próprio destino irrefutável.

porque o labirinto da vida junta ponta solta. o que meu olho vê, ele registra e capta para sempre. e guarda aqui dentro. lá dentro. dentro de mim. transforma em estrofes que são tudo o que me sustentam. e de repente tudo aquilo que estava acumulado não existe mais. a tensão se desfaz. porque eu quero colocar tudo para fora. quero colocar todos os meus dedos dentro da garganta e tirar tudo que está entalado. quero abrir todas as minhas cordas vocais e transformar em versos. o concreto que é abstrato. o abstrato que é concreto. eu quero tudo traduzido em segredo. eu quero que os meus desejos tenham espaço para assumir o palco. eu quero abraçar a docilidade das minhas angústias. eu quero viajar entre linhas imaginárias, mas principalmente entre caminhos tortos. eu quero ir até o universo e voltar. depois contar pra todo mundo que eu fui até lá a pé. e eu só posso fazer isso porque eu tenho as palavras. porque eu tenho elas para abrir meu

peito e fazer dele um lugar tão grande que é capaz de expurgar tudo que eu sou. como um trovão que ecoa no meio da cidade, abrindo as fissuras por onde escorre tudo o que antes me mandaram calar. e é nesse caos barulhento que eu construo um novo idioma: eu lhes confesso tudo isso em *silêncio* - corajosamente enquanto **grito**.

CAPÍTULO 5

DIÁRIOS DA VARANDA

*Levi de Freitas Costa Araújo
Lívia Maria de Sousa Araújo*

INTRODUÇÃO

O texto a seguir se trata não de uma história, não de uma viagem, mas de uma imagem. Queremos que seja possível imaginar as cores, as luzes, as intensidades de cada paisagem registrada. Por isso, escolhemos escrevê-lo na forma de diário escrevivente, inspirados pela metodologia de escrita criada pela Profa. Mayara Nishiyama³, nossa colega de curso, amiga, e fundadora do Eixo de Estudos Decoloniais do PET.

Avisamos que a escrita do texto se dá no plural, pois são dois corpos escrevientes, Levi de Freitas e Lívia Maria, que falam de suas experiências entrançadas. Ao mesmo tempo, terão partes no singular, no feminino, no masculino, que irão demarcar as falas que dizem das experiências singulares a cada autore.

³ Para saber mais, recomendamos a dissertação “A gente combinamos de escre(viver)’: pesquisando gênero com estudantes numa escola pública do Grande Bom Jardim” (2024) e o artigo “Diários-escrevientes: Notas po(ética)s COM jovens pesquisadoras/es do seu cotidiano escolar” (2024), ambas de autoria de Mayara Nishiyama.

Eu, Lívia Maria, escrevo e vivo enquanto negra, mulher, nordestina e interiorana, que por muito tempo habitou um varandão de existências outras para além do que a Academia pode alcançar. Minha varanda me permitia uma visão panorâmica de minha cidade. À tarde, o sol dourado iluminava as colinas que eram verdes em uma metade do ano, e marrons em outra. Ao lado dessa imagem, havia a continuidade das casas de minha rua e a vista da subida do morro, onde um CREAS se destacava em uma arquitetura circular e cores amareladas. Do lado oposto, havia a barragem, que só jorrou águas no primeiro ano de muitos que habitei aquela varanda, e a ponte que conectava minha cidade de outra por meros quatro quilômetros. Ainda era possível avistar, um pouco acima do morro, o topo da torre do relógio da Igreja Matriz, onde minha avó morava ao lado. Acima, no teto, passarinhos, lagartixas, rãs, arapuás, e toda espécie de vidas compartilhavam aquele habitat comigo.

Daquela varanda, eu poderia olhar sobre tudo e todos, como uma princesa do alto de sua torre. Eu amava, porque a realidade embaixo era outra. Aquela cidade de lindas imagens guardava uma história sombria de exploração de corpos negros e indígenas e os brancos antigos não se conformavam com o fim de seus reinados. Preferia viver na minha torre.

Me encontro na escrevivência por ser o espaço onde não preciso renegar nenhuma parte de mim. Gosto de escrever e sou

negra. Gosto de escrever e venho da margem. Gosto de escrever e escolho escrever sobre isso. Agradeço a Conceição Evaristo por garantir um lugar de pertencimento para tantas outras mulheres negras que escrevem no Brasil.

Já eu, Levi, escrevo de uma varanda que dá para a visão de várias outras casas coloridas, tão diversas quanto as cores das pessoas que nelas vivem. Escrevo enquanto homem negro, periférico que viveu muitos momentos de sua vida na varanda de uma casa na periferia de Fortaleza. Entre os barro Vermelhos e a preta lama do mangue do rio Ceará minha família fez morada, e na varanda dessa casa vi tristezas e alegrias, presenciei muito daquilo que meus colegas apenas entraram em contato pela frieza de páginas impressas de artigos, mas também presenciei a alegria de ver crescer a árvore plantada por dona Maria, vizinha e amiga de minha mãe. Em meio a uma periferia tão cruel com corpos negros, nas cadeiras mal preservadas de um coletivo, me encontro com a escrevivência para, junto de meus afetos, simplesmente poder escrever sem rasgar o que somos. Peço licença a Conceição⁴ para com ela, com Mayara, Lívia, e muitas outras abrir esse diário.

4 Os títulos das seções fazem referências a obras da matriarca Evaristo, em especial Becos da memória e A noite não adormece nos olhos das mulheres.

Dia 31/08 Entre os becos das memórias da cidade que habitamos

“Posso entrar aí na UFC meu filho?” Subitamente me peguei surpreendido por essa pergunta despretensiosa. Estávamos num ônibus que tinha acabado de passar entre os casarões rosados em arquitetura europeia. Minha mãe, que a muito não pegava um ônibus para essas bandas da cidade, olhava curiosa para as casas que passavam diante de seus olhos. À medida que a reitoria da Universidade passava diante de nós, seus olhos percorriam os pés frondosos de mangueira e prédios com colunas gregas. Em seguida, uma outra pergunta: *“as pessoas moram nessas casas?”* direcionando o olhar às casas de cultura e respondi que não, que era um espaço onde as pessoas assistiam aulas. Ela então me respondeu, em um misto de curiosidade e desejo antigo: *“pois eu vou entrá aí nessas casas um dia”*.

A mesma pergunta me foi feita por minha tia Maria, quando me deixou no meu primeiro dia de aula na UFC. Eu não sabia responder ela. Duas Marias que compartilhavam ali dos mesmos receios, das mesmas alegrias e dos mesmos desconhecimentos. De muitas Marias que vieram antes de mim na minha família, eu fui a primeira a pisar em uma universidade pública. Mas por esse feito tive que abrir mão de muitas coisas. De minha varanda, de

meus amigos, de tudo o que sabia e conhecia, para morar em uma sala de um apartamento quente e inabitável, para percorrer ruas desconhecidas e fugir ao máximo da possibilidade de andar de ônibus, pois não fazia ideia de como funcionava. Por muito tempo, minha experiência com a cidade era apenas o trajeto de ida e volta da UFC, a pé.

Iniciamos o diário do primeiro varandão pensando nesses momentos pois acreditamos em uma conectividade do tempo e da memória, muito mais que uma linha traçada ao futuro, pensamos esse tempo que se espirala trazendo desejos, perspectivando sonhos, rememorando dores ancestrais, faltas que não cabem em uma vida.

De certo modo, à semelhança de minha mãe que olhava a UFC, eu olhava para os jardins do Theatro José de Alencar com um fascínio carregado de desejo e estranhamento. Era a segunda vez que eu entrava nesse espaço que nossa colega havia escolhido para sediar o encontro, desta vez acompanhado de Lívia. Muitas vezes passei por ele e, como minha mãe, me perguntava se ali meu corpo poderia entrar. Arquiteturas imponentes pareciam me dizer o contrário, colunas gregas e gradeados franceses remetiam a existência de uma outra cidade dentro daquele centro ao qual estava habituado. Um corpo estranho, um gigante branco ornado das mais luxuriantes palmeiras de Burle Marx contrastava com as ruas repletas de

negras pessoas nas quais transitavam eu e minha mãe. Com timidez adentrei os portões e então o sorriso negro e acolhedor de Mariana lembrava a mim e a Lívia de que podíamos entrar.

Era minha primeira vez em um teatro. Tudo sobre ele me encantava profundamente. Um teatro, no meio da cidade, em uma praça. Havia visto fotos dele, mas lembro de comentar com Levi que não era aquela fachada que estava esperando. Cheguei a duvidar de que estávamos no lugar certo, até avistarmos Mariana lá do topo da varanda do José de Alencar. Mariana, ou Mandrade, nos recebeu com um largo sorriso e juntos entramos, passamos por um café e foi aí que vi: o colorido e quase que encantado antigo Theatro José de Alencar. Parecia ter saído de uma caixa de música ou de um espetáculo circense. Subimos as escadas e chegamos na varanda, onde sequer sabia que podíamos ficar. O Varandão daquele dia era sobre direito à cidade

Sob a sombra projetada da torre do prédio, embaixo de um céu azul, Mandrade iniciou explicando brevemente sobre a noção de direito à cidade na perspectiva acadêmica. Depois, tecemos discussões diversas sobre nossas relações com a cidade. Estavam ali pessoas das periferias geográficas da Grande Fortaleza e pessoas que cresceram nos interiores do estado. Foi nesse Varandão que percebi a falta que me fazia o sotaque, as imagens brilhantes das praças vivas de minha cidade e as festas

de aniversários lotadas a ponto de ocupar ruas inteiras supridas por mungunzá. Foi ali que percebi que, mesmo depois de anos, ainda me sinto estrangeira aqui.

Em meio às discussões eu pude perceber um comum na experiência de viver a cidade; estávamos falando de lugares de disputa e afirmação. Muitas trajetórias se cruzavam em cada olhar. Enquanto ouvia Mandrade falar de suas experiências e Lívia trazer a sua relação com a chegada em Fortaleza, um pensamento me vinha à cabeça: talvez Quixeramobim e Iguatu estivessem mais próximos de mim que a Aldeota. De fato não era interiorano, cresci, ainda que periférico, em Fortaleza, mas havia algo que se compartilhava no olhar. Em meio às diferenças trançávamos um reconhecimento, na dor, na não pertença de uma Fortaleza branca que gritava seu desprezo por nós, por nossas festas, por nossas praças ocupadas, por nossas crianças brincando na rua, pela nossa palma.

Entre colas e tesouras, fazíamos juntas aquelas molduras e colagens que diziam da cidade que gostaríamos de habitar, uma cidade povoadas pelas heranças de nossas avós. Contrapomos ao luxo da pequena aldeia o cheiro do molho de cachorro quente preparado nas festas de aniversário, e, de repente, já não mais incomodava o deboche ácido dos vidros laminados da pequena aldeia karaíba. pois, em meio às discussões que produzimos naquela pequena oficina, discutimos

sobre esse direito a cidade que se fazia não só no acesso a esses equipamentos, mas na possibilidade do reggae. Ou mesmo na possibilidade de alguns jovens poderem colocar um pano e fazer um piquenique na varanda de um teatro como aquele.

Apesar de não me sentir parte dessa cidade, suas paisagens ainda me atravessam. Não consigo deixar de sentir algo de familiar sempre que adentro alguma comunidade. Magicamente, as casas, as ruas esburacadas, as pessoas nas calçadas, as plantas em frente às casas e os sons de forró no domingo de tarde me transportam para minhas brincanças livres nos bairros que habitei no meu interior. Pode ser que Fortaleza tenha imagens nas quais posso sim me ver e, na verdade, estava olhando para o lado errado desta varanda.

14/09 Tardes que não adormecem nas tranças das mulheres

Já tinha ido para alguns varandões. Um antes mesmo de ser bolsista, fui como convidada. Tinham me dito que era uma atividade planejada apenas para aquele semestre, com os encontros já definidos. Eu não ia ter meu varandão. Aí decidiram fazer o meu, do nada. Me vi completamente perdida entre os temas que desejava falar, que deveriam ser de meu interesse e ocupar um espaço significativo na minha vida. Eu poderia falar de Rap, de moda periférica, de forró, mas todos esses assuntos já

haviam perpassado aquelas pessoas em algum outro lugar na academia.

Foram meses pensando, procurando, quebrando a cabeça. Eu não conseguia olhar para o que estava diante de meus próprios olhos. Por toda a minha vida o meu cabelo ocupou um lugar essencial. Naquele momento, mais do que nunca, estava aprendendo a vê-lo como um canvas. Infinitas possibilidades de cores, formas, que carregam linguagem e história, ancestralidade: o trancismo.

Me afundei em estudos, em sua maior parte relatos por priorizar o poder da oralidade, para compor a base de meu varandão. Visitei escritores que pudessem dar uma liga em tudo o que havia conhecido e nada fazia mais sentido, naquele momento, que Mestre Bispo e Luiz Rufino. Construí meu varandão com suas noções de tempo não linear que melhor explicam a relação de pessoas negras com a noção de ancestralidade, algo que não necessariamente tem a ver com a linhagem familiar, já que fomos negados do direito de lembrar, mas algo que diz de um resgate das tecnologias e sabedorias africanas e indígenas e reconexão, trazendo ao tempo presente e possibilitando a existência futura dos mesmos.

Pensei, então, em falar no meu varandão sobre a arte do trancismo em muitas de suas complexidades: enquanto um meio de conexão transatlântica entre gerações de mulheres negras,

sendo estas as protagonistas no trabalho de transmitir a sabedoria do cabelo; enquanto uma forma de conquista de autonomia financeira para mulheres negras desde o período de escravização de seus corpos até as reatualizações dessas relações de poder; como uma performance sankófica e espiralar de resgate de um pertencimento, o que nos foi tirado durante a colonização por meio do epistemicídio corpóreo; e como é possível reconstruir uma autoestima através desse resgate, trazendo a possibilidade de ver beleza em ser negra.

Só me faltava uma dinâmica, uma produção artística. Disso Levi esteve comigo, quebrando a cabeça para encontrar algo que fizesse sentido no meio de tantas perspectivas que queria abordar ali. Mas a resposta só voltava em forma de pergunta. Se o cabelo pode ser uma forma de linguagem, o que estamos falando com nossos cabelos? Iríamos, então, desenhar nossos cabelos com palavras.

O dia estava um pouco corrido, tinha voltado de um dia longo de extensão muito gratificante, mas também bastante cansativo. Mas estava ansioso por esse varandão, tanto por se tratar do primeiro varandão de Lívia quanto pela temática trabalhada, não se tem muitos espaços para discussões sobre a importância de tecnologias capilares para a construção de quem nós somos. O corpo é essa parte muito negligenciada. Em sociedades ocidentais é a mente, essa estrutura abstrata, que

reina suprema, o corpo então fica mirrado, ganhando pouco destaque como tela de inscrição das afirmações de si. Ruminei esses pensamentos enquanto nos dirigimos ao local selecionado, a Estação das Artes, outra caixa branca por excelência, agora abrigava a revelia de nossos corpos.

Entramos ao som de um reggae que se fazia ouvir por todo o salão onde outrora se podia ouvir trens e sons de pessoas e mercadorias partindo e retornando, quantas histórias aquele espaço guardava, e quantas outras ele escondia? Estava particularmente pensativo nesse dia. Sentamos em roda e Lívia iniciou a discussão, memórias foram retomadas. Enquanto garotos negros, apenas a raspagem e os famosos “cortes sociais” (afinal a única forma de um homem negro ser social é com cabelo mais curto quanto possível) eram permitidas. Lágrimas de inúmeros cortes, dores de várias crianças negras cuja expressividade foi negada pela navalha fria que mutilam seus corpos. Por muito tempo discutimos e deixamos a mente vaguear por nossas histórias.

Na Estação das Artes, lugar de minha escolha, iniciei o grupo com um breve apanhado de tudo aquilo que havia acumulado de conhecimento para o encontro e, organicamente, as pessoas começaram a compartilhar suas vivências enquanto cacheadas, suas decisões e suas histórias com seus cabelos, bem como suas relações com a temporalidade e ancestralidade.

Transmutamos aquele cubo branco em um espiral, um espaço comum na temporalidade negra em território brasileiro, onde os afetos circularam e, pude sentir, algo de futuro emergiu. Desenhamos nossos corpos e cabelos no papel com palavras coloridas que demarcavam nossa identidade, nossa história e nossas mensagens ao mundo.

Uma pequena revoada de bicos de lacre passa por nossas cabeças. Como nós, esses passarinhos, tomados como invasores e frutos de uma travessia forçada pela grande Kalunga, tentavam se localizar nesse mundo. Com um olhar atento, um pouco ansiosos, vigiam a possibilidade de um ataque iminente, e juntos tentam, nessa pequena revoada/quilombo, encontrar uma saída para criar uma vida em uma terra estranha e hostil. Penas e cabelos se misturam, e com elas se rejunta as lágrimas das dores sofridas, mas também a alegria de se encontrar nas falas e desenhos de cada um de nós, em nossa também pequena revoada/quilombo.

Declarado o fim do encontro com o registro em imagem, descemos para a feirinha que acontecia na praça da estação, onde estavam à venda acarajé, artigos da moda periférica de Fortaleza e música ao vivo, em um entardecer roxo, azul e laranja no céu, colorindo a magia do giro do encontro e da partilha.

CAPÍTULO 6

ANDANÇAS E MUDANÇAS

Mirela Studart

"Perdi alguma coisa que me era essencial, e que já não me é mais. Não me é necessária, assim como se eu tivesse perdido uma terceira perna que até então me impossibilitava de andar mas que fazia de mim um tripé estável. Essa terceira perna eu perdi. E voltei a ser uma pessoa que nunca fui. Voltei a ter o que nunca tive: apenas as duas pernas. Sei que somente com duas pernas é que posso caminhar."

(Clarice Lispector, A Paixão segundo GH).

Recentemente, visitei minha antiga escola com a proposta de realizar um trabalho para a cadeira de Psicologia Escolar/Educacional II. Receei voltar ao local que, após seis anos de formada, passei a desprezar, junto com tudo que representa.

Entenda-me bem, não tenho a pretensão de cuspir no prato que comi dos cinco aos dezessete anos da minha vida. Muito menos, desconsiderar o privilégio que tive de estudar em uma escola considerada de excelência, que, seja da forma que for, me permitiu o ingresso no tão sonhado curso que mudou a minha vida.

Mas é justamente esse ponto que torna impossível que eu dedique àquela instituição o carinho de uma alma-mater. O fato de que, nesses seis anos, metamorfoseei-me uma, duas, três, quatro vezes... e a cada transformação, vi arrancada de mim mais uma camada daquilo que havia sido construído com tanto esmero pelos chamados educadores que investiam em minha mente e, talvez mais de maneira mais importante, em meu corpo.

Você não precisa ter muita imaginação para retratar em sua mente a escola onde cresci enquanto me acompanha nestas páginas. Chão de concreto, cinza, sem cor. Paredes com cobogós, também cinzas. Paredes ou com tijolos vermelhos, ou azulejos brancos, ou pintura branca. E por cima deles, pôsteres (muitos), anunciando as conquistas da escola. Um aluno passou num concurso dificílimo apenas no segundo ano! Mais de 50% dos aprovados em Medicina! O primeiro lugar, segundo lugar, terceiro lugar... alunos em Olimpíadas internacionais, nacionais, regionais, medalhas e mais medalhas de ouro, prata, bronze.

Diziam-nos que a mensagem que tentavam passar era de motivação. Se seu colega conseguiu, você também consegue. Entretanto, agora, parece-me claro: você é um número, você nunca passou de uma estatística, e quando outra vitória maior superar a sua, ou você a supera, ou cai no esquecimento.

Eu fui do tipo de ganhar medalhas até a quinta série. Logo antes do ensino fundamental II, percebi que havia algo de

diferente em mim. Passei a ler livros, fanfics e assistir filmes e séries de conteúdo sáfico. O turbilhão de tentar descobrir o que se passava dentro de mim, isso que eu vi pela primeira vez na internet e nunca na vida real, isso que me confundia e surgia como uma nova possibilidade de existência, parecia me puxar mais que os esforços para os estudos. Talvez seja verdade que nada nunca se cria ou se destroi, apenas se transforma, e se esse for realmente o caso, renunciei às minhas honrarias acadêmicas em troca de conhecer uma versão mais verdadeira de mim.

Havia uma parte da sala, na frente da lousa, que era mais elevada que o resto. Como um pequeno palco. Dali, os professores, que fomos ensinados desde cedo que eram as autoridades na sala, transmitiam o conteúdo dos livros como que esperando que suas palavras flutuassem no ar e caíssem dentro de nossas cabeças.

Durante um tempo, isso me interessou. Se me esforçar o suficiente, consigo lembrar que gostava de aprender. Mas a partir do momento que me atribui as questões de minha sexualidade, perderam o sentido as questões da matemática, da geografia. E educação sem sentido, sem motivo, sem razão, sem interação... é educação ou apenas reprodução? Recusava-me a decorar para ir bem nas provas.

Não interessavam-me as aulas de Literatura, mas os livros que lia e a paixão que descobria pelas palavras (quantas vezes fui

chamada a atenção ou expulsa de sala, punida, por gostar de ler?). Não queria saber de Biologia, mas das indagações sobre o que acontecia em meu próprio corpo, que depois compreenderia ser mais que pele e ossos, ser um símbolo, um devir, uma performance, uma resistência.

Esse corpo era, entretanto, diariamente adestrado. As regras grudadas na parede eram claras: não falar sem levantar a mão e ter a autorização do professor, não levantar, manter uma postura adequada a sala de aula e sempre prestar atenção. O aluno deve estar completamente fardado, ou não poderá assistir aula. O aluno deve estar em sala durante os horários de aula, caso contrário, os ‘fiscais de corredor’ irão mandá-lo à coordenação. E, se pensar em quebrar alguma regra, os avisos espalhados pela escola tentam te convencer do contrário (sorria! Você está sendo filmado).

Fui bem adestrada. Cheguei na Universidade Federal do Ceará me perguntando se deveria pedir aos professores para ir ao banheiro, surpresa ao perceber que poderia comparecer às aulas usando chinelos e com muito medo de fazer alguma coisa errada.

O maior contraste, claramente, não foi em razão das vestimentas, mas sim do embate entre uma mentalidade semeada por doze anos em uma escola particular elitizada e os ideais de ensino, pesquisa e extensão de uma instituição de

ensino superior pública alicerçada na liberdade do pensamento e na autonomia do estudante. Principalmente, em um curso tão dedicado com seu compromisso ético-político e preocupado com a dimensão social que o rodeia quanto o curso de Psicologia.

Já na Semana de Recepção, lembro de sentir acender uma luz dentro de mim que havia passado muitos anos desligada. Lembro de ver as peças do quebra cabeça se encaixando aos poucos enquanto observava as salas de aula, cujo chão era nivelado e as cadeiras dispostas em forma de U, enquanto escutava sobre os projetos que cada núcleo e laboratório tocavam. Iniciativas dentro e fora da Universidade segundo os interesses dos estudantes, suas necessidades e a necessidade da população. A importância de devolver para a comunidade, de alguma forma, pela oportunidade de estar naquela instituição.

A possibilidade, o incentivo, na verdade, de pensar com a sua própria cabeça, explorar as áreas que iam desde a arte até a pura estatística, compartilhar de um espaço comum prezado por todos, perder-se e encontrar-se vez e vez de novo por entre as paredes coloridas, pintadas por estudantes que lutavam por aquele ideal.

Experiências como o Varandão Decolonial transformaram tudo que, por muito tempo, acreditei ser verdade sobre o estudo e a educação. Por que centraliza-la na sala de aula, a figura do professor? Por que não tomar a cidade, que é nossa por direito,

conhecer novos rumos e transitar por avenidas desconhecidas? Jogar fora as ementas ultrapassadas, ir além dos autores europeus, estudar o que se gosta porque se gosta, e reconhecer o imenso valor que possui o entrelaçamento entre as nossas histórias e as pistas que a academia nos dá? Aliás, por que não vislumbrar uma academia de cabelos trançados, itinerante, preta, sáfica, desfilando pela Sapucaí?

O modo de aprender e trocar do Varandão possibilita o sonho de uma academia construída por mãos tão coloridas quanto as paredes de nosso departamento. E por que não se permitir sonhar, por meio de versos intercalados de rima ao som de um arrasta pé?

Nunca pensei que me levantaria de manhã num sábado chuvoso e subiria numa moto com uma toalha na cabeça para não perder o que minha amiga tinha para dizer sobre o forró, que sempre foi um ritmo musical mal visto na minha casa. Não imaginaria que, por meio do afeto com que versavam sobre a história do xote e sua importância em seus respectivos interiores, conseguia imaginar, com tantos detalhes, as festas, o suor dos corpos dançando e o som da sanfona, nem compreender sua importância crua para sua cultura, seus vínculos.

Muito menos que conheceria a história do samba enredo, seu papel como uma forma de expressão muito maior que um gênero musical, seu grito, sua crítica tão clara quanto brilhante

são suas fantasias. E embora não tenha me arriscado a aprender a sambar (ainda), tenho adotado o verde, o rosa e a máxima: a verdade irá vos libertar.

E conforme caminho para o final do curso, tendo voltado para as minhas raízes, me sinto nova, ou justamente, mais velha... enfim, me sinto outra. Desnuda da educação bancária que regeu minha vida e caminhando cada dia mais de acordo com os ideais que resgatei, ou criei, ou que criamos juntos, entre tempos mais fáceis e períodos mais tortuosos. Ganhei algumas coisas ao longo dessa aventura, a principal delas tendo sido o sentido perdido para a perversidade do sistema educacional de viés neoliberal. Pensando nessas mudanças, peço permissão para pegar as linhas emprestadas de Clarice e refletir sobre a mulher, aluna, filha, amiga, colega, que fui de acordo com o que me ensinaram a ser, desejando o que me exigiram querer. Caminhei por anos no piloto automático performando ações como uma marionete à mercê das mãos de outrem, que pesavam sobre meus ombros por me fazerem sentir vazia, perspectivando o horizonte de uma vida que não era minha.

Hoje sei o que estudo, porquê estudo, para que estudo e de que forma estudo. Consciente da realidade, embora creia que em todo estudante more um sonhador. Livre, embora compromissada. Autônoma, embora nunca sozinha. Transformadora, dessa vez sem poréns.

SOBRE OS AUTORES



Beatriz Alcântara

Graduanda em Psicologia pela Universidade Federal do Ceará (UFC), bolsista do Programa de Educação Tutorial (PET), membro do Pasárgada (Programa de Promoção de Arte, Saúde e Garantia de Direitos), do Lapfes (Laboratório de Estudos em Psicoterapia, Fenomenologia e Sociedade) e ex-integrante do CAFS (Centro Acadêmico Fátima Sena). Lésbica e artista cearense, pratica a arte do desejo e da subversão enquanto se encanta com a vida. Nascida e criada nas margens de Fortaleza, apostava entre a escrita e o afeto como formas de desarrumar o mundo e inventar outros onde o coração pulsa exageradamente latino-americano.



Levi de Freitas

Graduado em Psicologia pela Universidade Federal do Ceará (UFC), foi bolsista iniciação científica CNPq, membro do Grupo de Pesquisas e Intervenções sobre Violência, Exclusão Social e Subjetivação (VIESES), ex-extensionista do Programa Arte, Saúde e Garantia de Direitos (PASÁRGADA) vinculado ao Laboratório de Estudos da Subjetividade (LAPSUS). Jovem negro das periferias da cidade de Fortaleza, nas artes experimenta em diferentes linguagens, como escrita, pintura e percussão. Amante de plantas e de um bom café.



Lívia Maria

Uma mulher negra, graduanda em Psicologia pela Universidade Federal do Ceará (UFC), bolsista do Programa de Educação Tutorial (PET), extensionista voluntária dos projetos Chão da Praça (VIESSES) e Pasárgada pela UFC, ex-extensionista do Núcleo de Psicologia Comunitária (NUCOM), artista amadora e a primeira de sua família a pisar em uma universidade pública. Nascida e crescida nos interiores do Centro Sul do Ceará, com uma breve passagem pelo interior de Pernambuco, foi na escola onde encontrou sua escrita literária, muitas vezes deixando-a transbordar o limite de páginas pedido. Este livro é a primeira produção que joga um texto seu ao mundo, fora dos moldes acadêmicos de escrita, fruto de sua trajetória pessoal-literária.



Maria Mariana de Andrade

Uma mulher, caucaiense, graduanda em Psicologia pela Universidade Federal do Ceará (UFC), bolsista do Programa de Educação Tutorial (PET) e extensionista voluntária no Programa Arte, Saúde e Garantia de Direitos – Pasárgada. Interessa-se pelos encantos das cidades e também por estudos que versam sobre cultura, gênero, sexualidade e saúde mental.



Mirela Studart

Graduada em Psicologia pela Universidade Federal do Ceará, com ênfase em Psicologia Clínica e experiência de estágio na Abordagem Centrada na Pessoa. Foi bolsista do Programa de Educação Tutorial por mais de quatro anos, este corpo adestrado pela educação neoliberal e conservadora aprendeu, na UFC, o valor de um processo de aprendizagem e educação emancipatório e transformador. Estudiosa no campo da Psicologia Escolar, diversidade de gênero e sexualidade e Abordagem Centrada na Pessoa. Mulher lésbica e nortista, amante de gatos e cerveja, constantemente dividida entre a paixão de criar e a alienação de produzir.



Raquel Patrício

Uma mulher lésbica, natural do sertão central do Ceará, graduanda em Psicologia pela Universidade Federal do Ceará (UFC), bolsista do Programa de Educação Tutorial (PET) e entusiasta e apaixonada por cinema. Tem como áreas de interesse a Abordagem Centrada na Pessoa e Sexualidade e Gênero.

ISBN 978-655376504-7

A standard linear barcode representing the ISBN number 978-655376504-7.

9 786553 765047